



# Os profissionais de Educação Social nas escolas e a transformação educativa

REVISTAGALEGA  
DE EDUCACIÓN  
PUBLICACIÓN DE NOVA ESCOLA GALEGA

ISSN: 1132-8932

Páx. 52-53

**Daniela Gonçalves**

ESE de Paula Frassinetti

CEDH da UCP, Porto

daniela@esepf.pt

## PREÁMBULO

Há a crença de que “outro mundo é possível”. Outra educação é possível! (Assmann, 2002; Carbonell, 2001; Bona, 2017). É isto que une tantas pessoas! O desejo de transformar o mundo e a educação com as suas vidas, no sentido de contribuir para uma sociedade mais feliz, mais conhecedora, mais produtiva, mais justa, mais bela, mais sustentável. Mesmo não tendo muitas certezas, acreditamos no “mundo como possibilidade”, como defendia Paulo Freire, apesar das atrocidades que continuamos a assistir.

Educar para outros mundos possíveis é o grande “lema” e as estratégias que utilizamos, tendo em conta um modelo educacional que compreende um equilíbrio entre competência e sentido: uma formação reflexiva que assenta numa atitude de questionamento sustentado por uma vontade de melhor agir para melhor conhecer; referentes teóricos de análise, saberes e teorias públicas; um domínio das metodologias apropriadas; um encorajamento e apoio (suporte afetivo - motivacional); perguntas pedagógicas (descrição, interpretação, confronto e reconstrução).

É educar para a emergência do que ainda não é, o ainda-não, a utopia. É educar e refletir para e sobre essa educação necessária para um outro mundo possível: o outro mundo possível é um mundo de aprendizagem em rede e de crescimento profissional interdependente (Tardiff, 2004).

Deste modo, assistimos à intersecção entre teoria e prática num exercício de reflexividade que cumpre uma finalidade epistémica de construção partilhada e implicada de saberes. Insistimos, por isto, num exercício de uma orientação reflexiva, ecológica, dialógica e, como tal, necessariamente ajustada caso a caso -modelo aberto e flexível que respeita o direito à singularidade e, conseqüentemente, permite processos evolutivos diferenciados que conduzirão a atos de ensino conscientes e responsáveis. É algo necessariamente inacabado e suscetível de (auto)regulação constante através de uma persistente atitude de questionamento. Enfim, é perguntando que o construiremos. Implicar-nos-á a tod@s! Exigirá um trabalho em rede, a partir do contexto/comunidade que terá que contar com vári@s profissionais de educação. Só deste modo é que haverá uma resposta à complexidade da sociedade/educação hodierna(s). É aprender a dialogar, verdadeiramente; é aprender a articular/integrar saberes em prol de uma (trans)formação educativa em prol de uma aprendizagem personalizada, onde cada um(a) conta e é tratado como merece: um ser singular.

## A TRANSFORMAÇÃO EDUCATIVA E A INTERDEPENDÊNCIA PROFISSIONAL

Por detrás de alguém que aprende e constrói o conhecimento reside uma pessoa singular. Não raras as vezes as necessidades de adaptação a uma

nova realidade terão que ser encaradas, sob pena de não se estar a construir uma escola para todos e para cada um(a).

Para garantir que o processo educativo é bem alicerçado, consideramos que a monitorização do processo educativo deve ser flexível, diversificada, articulada e contextualizada. Portanto, aberto e dependente de uma mediação socio-pedagógica, porque todas as pessoas que frequentam a escola trazem saberes, culturas e vivências que as distinguem dos demais (em particular, (a)os educador@s sociais).

A escola para tod@s e para cada um(a) exige de maneira crescente a transformação educativa e uma intervenção que necessita de formação e articulação de saberes (Rodrigues, 2013), entre outros profissionais, dos educadores sociais, pois impõem-se novos tipos de intervenções socioeducativas junto das crianças e jovens e nas relações, por todos, estabelecidas.

Apesar disto, e com uma política educativa muito centrada na prestação de contas e na política de exames, (a)os professor@s compreendem agora com mais facilidade de que a personalização depende, necessariamente, de uma mudança educativa, onde haja efetivamente lugar para a construção da interprofissionalidade. O desafio é enorme: educar a tod@s e a cada um(a), e para responder positivamente há que investir/praticar na interdependência profissional.

A incorporação do profissional de Educação Social nas escolas é uma necessidade e nada tem que ver com a sobreposição de funções de outros profissionais. A atitude do corpo docente diante da incorporação de outros profissionais à escola é muito variável. Não obstante, aqueles que conhecem e têm a experiência de um trabalho co-

laborativo com outros profissionais, percebem que abordar a inclusão educacional e social -uma escola para todo@s e para cada um(a)- é uma tarefa muito difícil, na qual todos nós temos que aprender.

Abordar a vida a partir de uma perspectiva inclusiva requer um conhecimento detalhado da realidade humana e social de cada comunidade e da sociedade em geral. Assim, requer propostas de intervenção que conheçam e sejam adequadamente contextualizadas, conscientes de que não existe uma fórmula mágica que dê resultados iguais e ótimos em todos os contextos. Daí a necessidade de análise a partir de múltiplas perspectivas, ações conjuntas que tentam integrar diferentes possibilidades de aquisição e experimentação da aprendizagem atingida -trata-se de traduzir verdadeiramente uma transformação educativa e realçar a necessidade da interdependência (Covey, 2017) profissional que dará uma proposta mais ajustada à complexidade hodierna. ■

- ASSMANN, H. (2002). *Placer y ternura en la educación*. Madrid: Narcea.

- BONA, C. (2017). *A Nova Educação*. Lisboa: Objetiva.

- CARBONELL, J. (2001). *La aventura de Innovar*. Madrid: Morata.

- COVEY, S. (2017). *Os 7 Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes*. Lisboa: Gradiva.

- RODRIGUES, D. (2013). *Equidade e Educação Inclusiva*. Lisboa: Profedições.

- TARDIFF, M. (2004). *Desarrollo personal y profesional del docente*. Madrid: Narcea.